

Luigi Passarelli

# ESCRAVO



Luigi Passarelli

**Escravo**

«Tektime S.r.l.s.»

**Passarelli L.**

Escravo / L. Passarelli — «Tektime S.r.l.s.»,

ISBN 978-8-87-304095-8

ISBN 978-8-87-304095-8

© Passarelli L.  
© Tektime S.r.l.s.

## Luigi Passarelli

###ESCRAVO ### O Programa Price###  
Escrito por Luigi Passarelli  
Copyright © 2017 Luigi Passarelli  
Todos os direitos reservados  
Distribuído por Tektime  
[www.traduzionelibri.it](http://www.traduzionelibri.it)  
Traduzido por Marta de Camargo Fernandes  
Titulo original (The) Slave  
[www.mikrofilm.it](http://www.mikrofilm.it)  
UUID: 3f82866a-3f2a-11e7-8ade-49fbd00dc2aa  
This ebook was created with StreetLib Write  
<http://write.streetlib.com>

### toc

Um dia qualquer, quase para todo mundo. Ivano esperava a sua vez, com os rapazes nascidos no mesmo dia que ele, na elegante sala de espera. Tinha visto apenas outros quatro ou cinco. Ele era o penúltimo. Ninguém falava, ninguém dizia nada, melhor assim. Na verdade era tudo uma formalidade. Todos liam o manualzinho com as instruções que já conheciam de cor, apreendidos nos anos de escola e de vida familiar. Uma grande repetição. Mas sabia que até as coisas mais óbvias podiam ser arquivadas da um cérebro como supérfluas. E que em alguns casos, dificilmente noticiado nos jornais, alguma coisa anda mal. Mas Ivano nunca tinha vivido pessoalmente ou conhecido alguém com alguma história que pudesse fazer ele se preocupar. Como os outros, se mostrava ocupado, responsável e que se interessava ao manualzinho, lendo a parte histórica onde está escrito de quando os jovens como ele eram obrigados a trair dias de visitas médicas para a idoneidade ao serviço militar obrigatório. Nada de novo. O mundo era sempre o mesmo. Sempre muito chato. Provavelmente mais chato. Como naquele verão em que terminou a escola. Aquele estranho verão no qual se abre um mundo novo: o da universidade ou o do trabalho. Tarefas de casa não existiam mais. Estudar por estudar, nem pensar. Em férias a sua família nunca tinha ido. Ele, filho único, tinha participado de algumas viagens da escola na sua região mas sempre para estudos. Nunca duravam mais que um dia. Lembrava dos amigos e colegas. Gostaria que alguém se tornasse um seu colega no futuro. Mas precisava ter muita sorte. Invejava quem podia já se mudar para outro lugar. O desejo de viajar o tinha sempre acompanhado. Deveria conseguir ser mandado a fazer a universidade. Existia muitos trabalhos que permitiram que ele viajasse, quem sabe um dia.

###Ivano? Vamos, vá a sua vez.### Era a sua hora. Questionar-se sobre o Programa Price não era recomendado. A felicidade significava ir além. Além de todo o peso da vida. Existiam muitas técnicas. O seu pai, nos últimos dias, o tinha obrigado a assistir todos os telecursos de preparação ao grande evento. O dia que o esperava deste a sua nascida. E esse dia finalmente chegou. Ele só tinha que se levantar daquela cadeira confortável, esquecer a sua velha vida e deixar-se guiar pela enfermeira. A sala da operação lembrava aquela da sua dentista. Ivano sabia que duraria menos de dez minutos. E isso bastava. O anestesilogista, já afeito ao trabalho, começou imediatamente. Nenhuma palavra. Alguém mantinha um sorriso cansado por pura educação. Fácil fingir para sempre. Mesmo em frente ao evento mais importante na vida de um jovem adulto. Eram todas pessoas bem treinadas. Ivano se preparou e usou as técnicas de isolamento mental. A anestesia e o cheiro da sala ajudaram. Não perdeu a consciência. Mas o mal estar causado

pela cápsula que penetrava em uma de suas narinas era óbvio e repugnante. Tinha que chegar à proximidade da glândula pineal, depositar a versão mais recente do microchip e voltar sem fazer graves danos. Então se perguntou que relação podia haver entre orgânico e técnica. Mas, na verdade, não importava. Certamente, o microchip e os médicos não sofririam. Depois de poucos minutos, tudo tinha acabado. O alívio da extracção da cápsula foi acompanhada pelo diminuir dos efeitos da anestesia. Logo ele poderia levantar e dar os primeiros passos no mundo dos adultos. Sentia-se de um lado renascido, do outro pesado e consciente de uma grande mudança. ##Pode ficar de pé, Ivano.## Sim, podia se levantar. Uma leve dor de cabeça, um pouco de tontura e uma tendência a perder o equilíbrio o acompanhou até a mesa do consultório. O seu livrinho esperava por ele. Seus arquivos com a senha temporária e as instruções que já conhecia a memória. ##Bem-vindo ao Programa Price, Ivano!## Era tudo. Era mais demorada a espera que tudo o resto. Nada de tão especial em si. Talvez as consequências tinham um real significado. Ele só tinha que refazer seus passos em direção à casa, e tentar não causar danos.

Passeava no caminho de volta, como de costume. Se viu na frente da loja onde ele tinha se apaixonado por muitas mulheres e garotas durante a sua adolescência. Na vitrina, agora, não tinha nenhuma que despertasse o seu interesse. Mesmo assim fez um tentativa, um teste.

Ele apontou para uma menina de biquê o seu telefone celular para verificar o funcionamento do Programa. Ela parecia feliz e amigável. No entanto, a conta ainda não tinha sido ativada. Ivano não podia saber o custo da operação, nem mesmo adicionar a garota no carrinho ou na lista de desejos. A menina acenou de volta. Ele não podia ouvi-la. Mas se fez entender. Evidentemente ela não desaproviava a aparência de Ivano. Pena que não fosse recíproco. Ivano se afastou para pensar naquelas meninas que fizeram ele sonhar tantas noites, elas eram uma companhia real e sensual em suas fantasias. E de como gradualmente elas desapareciam da sua vida no cotidiano. Tinha um pouco de vergonha. Especialmente por sua família. Avisaram que não devia nem pensar em certas coisas. Criar uma família era outra coisa, mesmo naquela época. Ele iria encontrar a mulher certa no momento certo. Suas pequenas aventuras na escola com algumas de suas colegas não o tinha satisfeito completamente. Vividas sempre com medo e escondidas... Um mendigo que pedia comida chamou a sua atenção. Ivano queria fazer uma outra tentativa. Entender o seu poder, se tudo era verdade. Apontou seu telefone. Sim, desta vez funcionou. O homem tinha um valor de cerca de três mil créditos. O velho homem com as pernas mutiladas, a barba de um profeta, sujo como poucos e vestido como um soldado do exército napoleônico, olhou para ele com um sorriso irônico. ##Então, garoto! Quer me comprar? Você está se divertindo? Faz um presente para sua mãe! Leve-me para casa sua, me dê um quarto e lençóis! Vou ser muito útil pra sua família, não acha?## Ivano se assustou. E se envergonhou. Sim, era assim. Era assim mesmo que funcionava. Ele saiu depressa e pensou no respeito pelas pessoas. Mas também na utilização deles, a prática real. Sim, havia ainda uma possibilidade de escolha no Programa. Precisava ser esperto, como sempre, ou pelo menos preservar uma linha de lucro. Agora ele estava com medo de que alguém na rua pudesse descobrir o seu real valor e que se aproveitasse. Todos sabiam a memória a regra principal do programa: somente as outras pessoas podiam saber o real valor de créditos que uma pessoa possuía. Somente o aparelho de uma outra pessoa pode te avaliar, nunca o próprio. O seu pai tentou tranquilizar Ivano antes que ele fosse ao consultório médico: apenas entrado no programa se pode ficar tranquilo. Os créditos eram os mesmos para todos, dependia do seu próprio caminho na vida, mas ele já sabia orientar-se, e esperava uma quantia reconfortante. Uma quantia que o teria mantido livre, pelo menos no começo. No entanto, Ivano podia imaginar o seu retorno a casa. Sermes e mais sermes. Atenções e mais atenções. Seu pai não perderia a oportunidade de fazer mais um ponto da situação. No entanto, tinha que respeitá-lo. Na sua casa, na verdade, nunca faltou nada do básico. Apenas a oportunidade de viajar que ele nunca teve. O mundo em si era algo distante e desconhecido. Apenas alguns bairros da sua cidade eram realmente frequentados pela sua família. E isso deveria bastar. Simplesmente, o mundo era

perigoso demais para ser vivido plenamente. As viagens eram todas organizadas pelo Programa e somente poucos tinham a sorte de poder sair da própria área. Exatamente como ele e seus pais. E, talvez, todos os seus amigos e colegas. Ivano foi passando em frente das poucas lojas abertas ao longo do caminho. Eram quase todas lojas de alimentos frescos. Ele teve a tentação de fazer escondido a primeira compra da sua vida. Quem sabe, apenas uma bala. Mas sabia que o pai ficaria furioso. Teria arruinado o seu aniversário Price. E, talvez, o pai, choramingando com os tutores do sistema, teria imposto limites de gastos. Sim, para ser um verdadeiro adulto, fazer feliz seus pais, tinha que se comportar de uma maneira desprovida de tolas tentações. Basicamente, nada mudava em relação aos anos anteriores. Antes ele não podia comprar nada, e muito menos agora. Ele só tinha que esperar o momento certo para investir em algo de seu. Certamente não em um doce bobo e infantil. E mais, ele tinha que esperar que seu pai controlasse os seus créditos. Sim, agora ele tinha medo de saber o quanto haviam reconhecido o seu empenho, a sua carreira, praticamente, a sua vida. Ele confiava em seu pai, mas não cegamente. Tinha medo de não saber tudo, de ter perdido alguma coisa. Tinha, até, medo que os seus colegas tivessem pressa muito mais que ele. Seria uma vergonha. Apertou o passo. Agora faltava pouco para chegar na porta de casa.

Ivano tocou o interfone. Ele nunca teve as chaves. O pai correu para abrir. Estava de repouso, como todos os pais, para o aniversário Price do filho.

«Ivo! Vem, entra! Então? Está emocionado? Você, finalmente, se sente adulto? Olha, tem uma boa surpresa para você! Mãe apareceu com um pequeno bolo seco com em cima uma grande vela acesa. Agora todos estavam sentados à mesa. Todos, na verdade, não. Faltava o resto da sua família. Mas da quando o Programa não dava mais créditos suplementares para os presentes durante as festas ninguém festejava mais nada. Ivano apagou a vela e já queria ir para o quarto, mas não podia nem pensar. O pai de Ivano pegou o telefone celular, e solenemente apontou-o na cabeça do rapaz. «Pronto? Você quer saber ou não quer? Não está curioso? Todos estes anos que estive perto, aconselhando, guiando você. Apenas um pequeno clique, para saber! Ah! Na rua alguém avaliou você? Ou você foi tão ingrato para pedir o favor a um desconhecido na rua? Então, Ivo? Vou?» O pai apontou e soube imediatamente. No começo, ele se mostrou sério e preocupado. Depois, relaxado. «Como pensava. Exatamente como eu pensava. Nunca erro, eu. Verdade, amor? Olha isso!» O pai tinha previsto. Em seu coração, Ivano esperava por um valor bem mais alto. Não havia uma razão. Apenas um sonho. Sim, ele sonhava em ser melhor do que a dura realidade mostrava. Mas sonhar também era claramente enganoso. Sim, ele se enganava como na literatura. Tinha escrito na sua cabeça, um romance com um final feliz demais. Agora ele só queria ir descansar. A sua cabeça do dia, o equilíbrio ainda era precário, se sentia melhor em pé e caminhando do que sentado e parado. O bolo era velho, daqueles cheios de conservantes, teve que beber três copos de água para fazer descer o pedaço que a mãe tinha entregado a ele. Sonhava com o creme de antes. Ivano e seu pai sentaram na sala de estar. A mãe não se importava com nada, além da normal administração da casa. A gestão da despensa, limpeza, pequenas tarefas. O marido tinha a preocupação sobre o seu crédito, uma vez que ela tinha sido sempre uma estudante terrível. Este fato a tinha deprimido e humilhado por toda vida. Por isso, ela não participava de boa vontade nas decisões da família. Mesmo se o marido, na intimidade, ou seja, no quarto do casal, tinha o hábito de fazer perguntas, de se confrontar, de pedir conselhos e impressões a ela. Mas ela sempre respondia com poucas palavras evasivas. O suficiente para agradar ao marido. Ela sentia falta da sua família, mas ninguém sabia por que as relações tinham sido interrompidas. Pelo menos, oficialmente, ninguém sabia. Havia apenas uma lenda sobre uma prisão de um parente. O pai de Ivano trabalhava na manutenção de um parque de diversão, o único na área de competência deles. O parque era enorme e tinha uma excelente infra-estrutura. Que, naturalmente, precisava de manutenção contínuas e de supervisores. O pai de Ivano se tornou um dos responsáveis do setor. No entanto, o prazer ir ao parque para Ivano diminuiu com o passar dos anos. Nunca teve uma novidade, nenhuma atualização

fo, tudo era perfeitamente idêntico ao original. Assim, ao longo do tempo, ele tinha perdido o interesse em ir lá. O pai não o culpava, sabia que o seu trabalho era direcionado a famílias com crianças pequenas. Ele tinha certeza que os filhos de Ivano iriam poder entrar gratas todas as vezes que quisessem, graças a sua presença, e isso era o bastante. Um pequeno privilégio do qual ele se orgulhava. O pai de Ivano precisava de incentivos, mesmo pequenos para não pensar em todas as desvantagens. Em sala, Ivano ouvia as palavras do pai, cheias de sabedoria, mas melancólicas e chateadas. Não compre nada que não seja estritamente necessário, a reta da universidade incluiu a refeição do dia na cantina, ebooks, apostilas, telecursos e tudo mais. Ivano não podia mudar em nada. Seguir exatamente o que já tinha feito de bom na escola. Na verdade, era imperativo alcançar o máximo nas notas. Então, eram quatro anos de seriedade e autodisciplina. Era tudo o que pedia. Depois iria para o passo sucessivo. Sabia que nem todos os seus colegas tinham tido a mesma sorte, nem todos tinham os seus requisitos e capacidades. Precisava ter gratidão por tudo e todos. Reconhecer que era um meio privilegiado e contar com isso para manter a posição. Manter a posição. Ivano tinha ouvido essa história por mais da metade da sua vida, mas naquele dia era repugnante. Queria se livrar e pular na cama, não necessariamente para dormir, pelo menos, para colocar os fones de ouvido e ouvir os áudio-sonhos. Não queria admitir, mas ele já não conseguia seguir o método do pai. Tremores, combinados com uma espécie de ligeira paralisia faziam ele suar frio. A mãe, passando umas duas vezes por lá, já tinha notado, mas não disse nada. Como de costume. “Tudo bem, vai descansar um pouco. Pelo que sei, hoje a operação é moleza. Eu me lembro quando foi a minha vez, fiquei na cama por uma semana. Pensamos em recorrer à garantia. Mas depois tudo passou. Como para os upgrades.” Ivano levantou-se mecanicamente. Por sorte havia um corrimão nas escadas. Arrastou-se até o quarto.

A transição principal tinha terminado. Começou, deitado na cama, a ter dúvidas acerca da utilidade de seus estudos, passados e futuros. Ele percebeu de não ter feito escolhas de acordo com os principais desejos. No entanto, tinha feito todos os testes para fazer um caminho adequado ao seu caráter e adequado às suas características. Não deveria ter dúvidas, não havia nenhuma possibilidade de escolha errada. Mas ele se sentia um medocre. Sim, porque sabia que não tinha, na verdade, desejos plausíveis ou reais. Ele só queria viajar e poder escolher cada vez o caminho da seguir. Mas do mundo sabia muito pouco. Ele conhecia a memória todos os mapas do mundo. Nos quais, de fato, havia muito pouco para conhecer e imaginar.

Apenas um dos seus colegas continuava os estudos com ele. Um rapaz com quem nunca tinha falado. Não tinha havido nenhum confronto, nem sequer tinha o seu número. Mas, no último dia de aula se organizaram para ir juntos ver a estrutura que lhes teria hospedado. Cada faculdade disponível era muito separada das outras. Ele nunca tinha visto aquele edifício, mas não era muito longe da sua casa. Nunca tinha sequer ouvido falar. Era chamado de Container B1. Decidiu ver se encontrava imagens no tablet. Estranho não ter pensado nisso antes. Ficou desapontado. Tinha só um aplicativo para download. O motor de busca não deu outra, então tentou novamente. Achou que teria acesso aos dados depois da inscrição. Seu pai já tinha falado sobre quantos créditos em um ano teria gastado, mas também das várias possibilidades de ganhar outros. Realmente ele teria que fazer um salto de qualidade. Encheu-se de esperança e energia. Sim, talvez valia a pena dar o máximo para ter os créditos. Ele pensou em um saldo positivo. Temia só que tudo fosse incrivelmente difícil. Provas impossíveis, perguntas e respostas enganosas, tudo para evitar que o justo empenho seja reconhecido. Afinal, se fosse tudo fácil, não teria gosto em aumentar os principais haveres. Ou talvez não. Ele acendeu o audífono em seu canal favorito, mas a Voz da Consciência falou. “Ivano, agora que você pode ser o que sempre sonhou, pare de pensar negativo. Este é um dia especial. Aproveite estes momentos com seus entes queridos. Mostre gratidão por aquilo que eles têm feito por você, conosco. Graças a todos nós, que sempre estivemos perto de você, que você chegou ao Grande Dia. Torne-se consciente e grato. Quer ouvir o horoscopo do dia?” Ivano odiava horoscopos. Odiava tudo o que poderia ter sem

esforço. No entanto, eles pareciam ser feitos sob medida. O audiófono escolheu para ele uma lista de músicas revigorantes. Mesmo se conhecia somente um artista entre aqueles. Um artista histórico, velho e selecionado. Um dos poucos que haviam sobrevivido ao longo dos anos. Tinha estudado e re-estudado ele. Tinha uma matéria específica no seu currículo de estudos. O abandono dos Adolos e do amor pelos Adolos. Eram produtos. Já que o Programa não era capaz de distinguir as deviações puras das impuras, foi decidido que deveriam ser eliminadas. Não podendo entender se fosse uma coisa útil, justa, meritória ou não, preferiram cortar o mal pela raiz e jogar fora a criatividade livre. Ivano pensava que o artefato era uma coisa do passado, um passado cheio de dúvidas e problemas, de incertezas, com milhares de interpretações erradas. Agora tudo isso tinha sido finalmente abandonado. Ele tinha experimentado a emoção e a cultura, mas certamente não havia modo de voltar atrás. Ele não se sentia nem um pouco capaz de criar algo, usufruía das energias positivas, e deixava a quem fosse mais adequado ser escolhido na Seleção. Afinal, havia escolas especiais, muito difíceis, que ensinavam aos mais adequados ser objetivos e inevitáveis. Ele nesse campo tinha obtido o pior resultado no teste. Ele adorava ficar deitado observando o teto. Especialmente quando a programação era em sintonia com ele. Amava o seu quarto. Sim, a Voz estava certa. Realmente um sonho tinha se tornado realidade. Agora ele precisava descansar, mas dormir agora iria perturbar o sono noturno. A sensação de paz e realização pessoal, renovaram a confiança em si mesmo. Sentia-se, pouco a pouco, pronto para seguir em frente. Seguir em frente em suas pequenas coisas era a única viagem que lhe era permitido. A viagem já sonhada e planejada. Tinha só que deixar o tempo passar para poder realizá-la completamente. A fé era essencial. Seus estudos viriam para ajudar, agora sim, ele entendia. Ele se abria ao sentimento de realização. Era o microchip a haver tanto poder? Ele não sabia.

Alguns dias mais tarde, a sua mente, ou melhor, a área frontal da cabeça, parecia estar habituada ao elemento intrusivo. Ele recebeu o telefonema do seu colega, que tinha conseguido o número de um amigo em comum. Obteve a permissão para se encontrar com ele, porque era uma prática que seu pai admitia.

Era de manhã e os dois amigos se encontraram na frente da velha escola fechada. Um sentimento de nostalgia bateu nos dois. Depois de tudo tinha sido bom. Eles trocaram as primeiras palavras da quando se conheciam, e eram todas relacionadas à experiência passada. Porque eles não tinham ideia do que os esperava no final do verão. Ambos mantinham um ânimo de senso alternativo, típico dos jovens. Fingiam não confiar nem no protocolo, nem nas fofocas. Que aparentemente coincidiam. Era comum entre colegas surgir uma espécie de competição sobre presuntas melhorias e privilégios que podiam conseguir no confronto do futuro comum. Quem costumava dizer que o próprio caminho era melhor, mais rico, mais satisfatório, e quem dizia o contrário. Em qualquer caso, não tinham, certamente, escolhido de forma independente. Mas a expectativa de que o Programa fosse magnânimo e subjetivo acompanhava todos os estudantes esperançosos. Mais que os próprios esforços e resultados dos testes. Já nos primeiros passos em direção ao Container B1, o amigo de Ivano não resistiu. «Olha... Você comprou alguma coisa? Eu não. Se você quiser que eu verifique a sua conta e você confira a minha. Meu pai diz que tenho que ficar atento. E ter cuidado com o que eu faço e penso. Você não tem medo?» Ivano a pedido de seu amigo apontou o telefone celular na sua testa, e para a sua surpresa saiu um número três vezes maior do seu. Não deu explicações, mas se recusou a ser avaliado. «Por que não? Você vê na tela, melhor, pode fazer sozinho, te dou o meu celular e depois apaga o valor. Você sabe com se faz, não?» Ivano se convenceu; na verdade, ele queria verificar e saber. Pegou o telefone do amigo e controlou o seu crédito. Exatamente o que ele já sabia. Não apagou os dados, e com um pouco de vergonha devolveu o celular ao amigo, que reagiu com uma mistura de compaixão e estranhamento. «Meu pai tem razão.» Disse. Ivano lembrou ao seu amigo a lição de ética: quando maduro você poderia dirigir os carros a hidrognio. Na estrada um teve que ser preciso, cauteloso e disciplinado. Mas precisava ter muita sorte. Se caía-

sse uma árvore ou algo com errasse a manobra poderia morrer sem ter culpa. Mas o meu não foi o sorte. O método calculado. Ivano disse que o segredo era fazer as coisas complicadas serem simples. Seu amigo mandou que calasse a boca e de nunca mais repetisse tal coisa. As palavras segredo e atalho não eram permitidas. Ele tinha que sofrer e porque era justo. Merecer. Como ele. O amigo ficou em silêncio por algum tempo. Em seguida, continuou dizendo que se Ivano tivesse continuado com a sua conversa seria forçado a fazer um boletim de método. Ivano não estava surpreso que os dois nunca tivessem se falado em cinco anos. Em qualquer caso tranquilizou-o. E pensou sobre como conseguir o triplo dos créditos. Precisava ter uma tática. Os dois caminharam em silêncio, cabisbaixos, cada um nos próprios pensamentos sondados por microchip. Ivano lembrou-se de quando foi visitar seu avô na casa dos veteranos. Sim, seu avô tinha lutado na última guerra. Ele estava de serviço em uma estação de missões. Portanto, pelo menos, ver o mundo, mesmo que apenas pelo server e pelo scanner dos satélites, o pouco que era permitido, para a pontaria secreta. O avô, na única visita, disse poucas coisas em comparação à enorme curiosidade infantil de Ivano. A guerra havia lhe ensinado que um nascer e um pôr do sol poderiam parecer iguais a olhos cansados e cheios de dor. E agora ele estava convencido de que não poderia haver uma maneira verdadeiramente realista para aproveitar a vida. Muitos inputs microscópicos e macroscópicos entravam na nossa consciência. E os que venciam, aqueles mais fortes, eram sempre negativos. Não havia como escapar. Não se engane Ivano, não se iluda, nem você vai conseguir. Em qualquer caso, a memória de seu avô parou quando Ivano recebeu um alerta no telefone: atividade não permitida. Tinham chegado em frente ao prédio. Ambos sorriram e disseram que era estranho que nunca tinha notado. Sabiam que agora eles sabiam que aquele cubo sem janelas fosse um Container. Seu amigo contou que tinha passado em frente várias vezes sem perceber. Mesmo assim, ambos se encheram de orgulho. Eles queriam se aproximar da entrada, com a esperança de que fosse acessível. Mas ficaram decepcionados. Era uma zona off limit. Além do cubo tinha um perímetro de três metros de jardim azulejado e um espaço um pouco mais largo na frente da entrada. Com dois degraus. Sabia que o companheiro 13 e os seus colegas não vão para um lugar físico? Não se divertir em casa. Essa sim que é uma grande injustiça. Meu pai diz que é a melhor coisa. Tudo distância, um monte de vantagens. Os exames são mais fáceis e os créditos são todos ativos. É como um trabalho. E depois tem o master! Entende? Master grátis com acesso ao trabalho! Ivano não entendia. Não conseguia entender de coisa o pai do amigo se ocupava para saber sempre tudo. Para ele, a vida de seus amigos era um mistério. E seu pai parecia nunca ter ido além da sua família. Em casa, nunca teve um discurso assim perigoso. De fato, após o alerta, Ivano voltou a devida modéstia de sempre, e se consolou com o fato que um cara com o triplo dos seus créditos e direitos fosse no mesmo Container dele. Mas logo depois começou a suar frio em suposições negativas. Aquelas do seu avô. E se fosse um perdedor? Seu pai ficaria mortificado. Ao contrário do que costumava fazer, decidiu que deveria falar com ele imediatamente, prevenir. Planificar. Ivano cumprimentou seu amigo, com a promessa de se rever em breve. Para um bate-papo, se tivessem notícias sobre a próxima experiência em comum. No caminho para casa, Ivano estremeceu. Lembrou-se de um poema que seu pai recitava antes de ir para a cama. Mas quando ele era ainda muito pequeno. O pai, a última vez que recitou para ele, estava em lágrimas. Desde aquele dia nunca mais a ouviu. E ele nunca pensou em pedir de sentir-la ou escrevê-la. Sim. Decidiu que iria enfrentar seu pai falando daquela antiga poesia, naquela mesma noite. O que despertava emoções esquecidas.

## **Конец ознакомительного фрагмента.**

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.